

DEPOIMENTO DE CARLOS EDUARDO ROVARON

Meu nome é Carlos Eduardo Rovaron. Nasci em Andradas, Minas Gerais, tenho 44 anos e sou Ítalo-descendente. Meus ancestrais italianos partiram da Itália do Porto de Gênova. São eles: Antônio Roveran e sua esposa, Giuditta Chieratti, junto do filho, Giuseppe Roveran, casado com Tereza Bonatti (ou Benetti), e das netas: Rosa Roveran e Maria Roveran. Giuditta Chieratti e seu esposo, Antônio Roveran, são meus tetravós. O filho do casal, Giuseppe Roveran, é meu trisavô, e sua esposa, Tereza Bonatti (ou Benetti), minha trisavó. Ao todo são seis pessoas que emigraram do Comune Albettono, Província de Vicenza, Região do Vêneto.

Desembarcaram no Rio de Janeiro, em 16 dezembro 1891, onde ficaram 3 dias na Hospedaria das Flores. Seguiram para Santos/SP no dia 19 de dezembro de 1891 - a Companhia Metropolitana foi a responsável pela segunda viagem. Chegaram em Santos no dia 21 dezembro de 1891. Do Porto de Santos seguiram para a cidade de São Paulo e ficaram alojados na Hospedaria de Imigrantes do Brás.

Quando chegaram ao Brasil, meus tetravós, Antônio Roveran e sua esposa, Giudita Chieratti tinham, ambos, 62 anos de idade. Seu filho, Giuseppe Roveran, tinha 25 anos e a esposa deste, Tereza Bonatti (Benetti), tinha 24 anos. As filhas de Giuseppe e Tereza, Rosa Roveran e Maria Roveran, tinham respectivamente as idades de 3 e 1 anos de idade.

Da Hospedaria do Brás, por meio de trem, foram para Fazenda Pedreiras, em Mogi Mirim/SP, trabalhar no cultivo do café. Esta fazenda era um distrito de Mogi Mirim e hoje tornou-se uma cidade. Lá, Giuseppe Roveran e Tereza Bonatti geraram o meu bisavô, Antônio Rovaron, nascido em 03 de maio de 1893. Provavelmente o nome Antônio foi escolhido para homenagear seu avô, o patriarca da família. Note-se que meu bisavô já teve seu nome alterado de Roveran para Rovaron. Permaneceram por alguns anos na Fazenda Pedreiras e depois mudaram-se para a Fazenda do Refúgio, em São João da Boa Vista/SP, de propriedade do Coronel Ernesto de Oliveira. Ambas as fazendas ficavam próximas à Estrada de Ferro Mogiana: tanto a Fazenda Pedreiras, em Mogi-Mirim, como a Fazenda do Refúgio, em São João da Boa Vista, produziam café.



Antônio Rovaron na Banda da Fazenda do Refúgio, em São João da Boa Vista/SP

Depois de anos trabalhando em família e juntando dinheiro, meu bisavô, Antônio Rovaron, que é um dos filhos de Giuseppe Roveran e Tereza Bonatti, casou-se com Angelina Bruno, minha bisavó, que também era filha de italianos. O casal saiu da Fazenda do Refúgio e comprou terras em Andradas/MG, nas divisas com São João da Boa Vista, mais especificamente no Bairro Rural do Óleo, próximo do Pico do Gavião. O dono da Fazenda do Refúgio, Ernesto de Oliveira, emprestou a parte do dinheiro que faltava para comprar as terras e, como nelas já havia café plantado, logo conseguiram pagá-lo. O ano exato da compra da terra precisa ainda ser levantado, mas podemos situar a data no começo do século XX. Até hoje minha família se dedica ao cultivo de café, nas mesmas terras compradas pelo meu bisavô. Em resumo, meus ancestrais vieram da Itália para trabalhar nas lavouras de café de fazendas do Oeste Paulista e nelas trabalharam anos, até conseguirem realizar seu sonho – a terra própria – comprada na antiga Vila Caracol, no Sul de Minas, hoje Andradas.

Sobraram poucos testemunhos da história familiar. Documentos como passaportes, perderam-se. Não tenho fotos dos meus tetravós, Antônio Roveran e Giuditta Chieratti, e dos meus trisavós, Giuseppe Roveran e Tereza Bonatti (ou Benetti).

As fotos de que disponho são da geração já nascida no Brasil: dos meus bisavós, Antônio Rovaron e Angelina Bruno.



Antônio Rovaron

Meu bisavô, Antônio Rovaron, morreu antes de eu nascer, conheci apenas minha bisavó, Angelina Bruno. Ela e seu filho José Rovaron Sobrinho, que é meu avô, diziam que vários ancestrais não sabiam ler e nem escrever. Na década de 1950 vários dos irmãos de meu avô, meus tios avós, filhos de Angelina e Antônio, mudaram-se para São Paulo e empregaram-se no setor fabril. Ficou no trabalho da terra apenas meu avô, José Rovaron Sobrinho, que se casou com Helena Vallin e teve três filhos: meu pai, Edivar Rovaron, minha tia Marlene Rovaron e um tio falecido, Ivo Rovaron. Meu avô foi fiscal de barreira, mas, em paralelo, continuou trabalhando as terras deixadas pelo pai e adquiridas de outros irmãos que se mudaram para São Paulo, continuando a dedicar-se a produção de café.



Angelina Bruno



Da esquerda para a direita, Helena Vallin, o seu marido José Rovaron Sobrinho, e a filha Marlene Rovaron

Pelo que lembro de minha bisavó contar, o contato da família com os parentes que permaneceram na Itália foi rompido e a memória das origens foi quase apagada. Quando perguntávamos de onde os antepassados italianos saíram, ela só sabia dizer que eram do Vêneto. A história mais completa das origens foi reconstruída posteriormente, por pesquisas genealógicas feitas pela prima Iolanda Rovaron, hoje residente no Canadá.

Esse esquecimento das origens também está relacionado ao desinteresse de alguns descendentes em manter sua memória viva. Meu pai, Edivar Rovaron, conta que um dia meu bisavô, Antônio Rovaron, quis montar uma escolinha para ensinar os netos a falarem italiano (vêneto, na verdade), então meu pai perguntou: - Vô, a gente vai voltar pra Itália? Ele respondeu: No! E meu pai perguntou: - então para que aprender italiano? Desse jeito o meu pai acabou com o sonho da escolinha de italiano para os netos do meu bisavô. Ele tinha um sotaque muito carregado, apesar de ter nascido no Brasil.

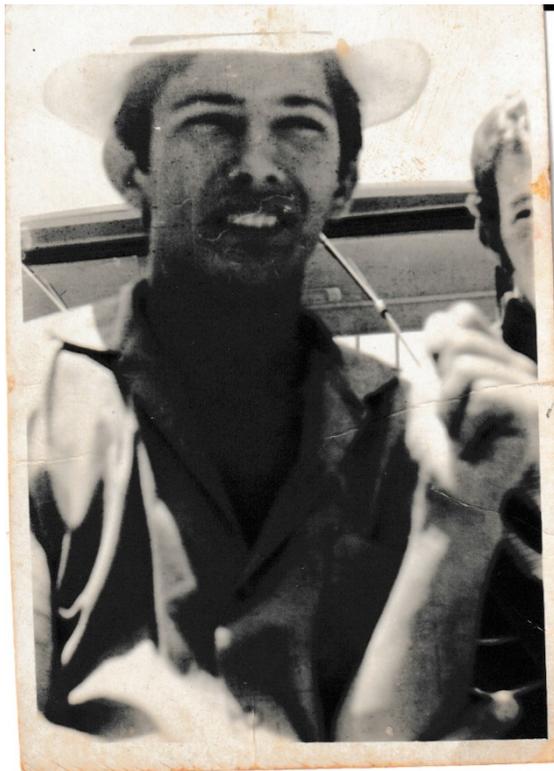
Meu pai também se casou com uma ítalo-descendente, Selma Burguês, cujo sobrenome original é Borghese. Ela é bisneta do italiano Santi Borghese, casado com a italiana Eufemia Dringoli. Ele era originário do Comune Civitella in Val di Chiana, Província de Arezzo, Região da Toscana. Santi sabia ler, escrever e contar, por isso trabalhou como administrador da Fazenda de João Mosconi, produtora de café e situada em Andradas/MG. Depois, ele tornou-se proprietário da Fazenda Lagoa Dourada, também produtora de café e situada no mesmo município.



Santi Borghese e Eufemia, patriarca e matriarca da Família Burguês em Andradas/MG



Selma Burguês (Borghese)



Edivar Rovaron



Selma Burguês e Edivar Rovaron

Sobre a adaptação cultural no Brasil, nunca tivemos notícias de dificuldades enfrentadas. Meu avô contava que seus pais sempre disseram que o Brasil foi muito bom para a família. Nunca os mais velhos nos relataram dificuldades de conciliar as tradições italianas com as locais. Parece, porém, que havia a tradição das noras terem que morar com o sogro e a sogra por um tempo, por isso a casa dos meus bisavós era muito grande e tinha muitos quartos.



Angelina Bruno e Antônio Rovaron no antigo casarão da família, que ficava na Serra do Bairro do Óleo, ao lado do Pico do Gavião, Andradas/MG

Acho que isso acontecia até mesmo pela dificuldade de os filhos recém-casados conseguirem uma casa própria rapidamente. Minha vó paterna, Helena Vallin, conta que ela e as outras noras tinham que chamar o sogro de pai e a sogra de mãe. Um dia a minha avó foi conversar com o sogro e a sogra - Antônio Rovaron e Angelina Bruno – e disse que os respeitava muito, mas pediu-lhes para a liberarem da formalidade de os chamar de pai e mãe, porque ela não se “ajeitava” com esse costume. Eles a liberaram do compromisso.

No caso de Andradas, penso que o imigrante italiano contribuiu criando uma estrutura agrária de pequenas propriedades rurais, nas quais é praticada a policultura. O que é o caso da minha família. Além do café, em quase todas as propriedades também se cria gado e planta-se feijão e milho, além de frutas e hortaliças, quando não para o pequeno comércio, para o consumo da família. Parece que essa foi uma realidade presente no Veneto, de onde a minha família veio, assim como muitas outras residentes em Andradas.

Apesar de perceber minha identidade muito mais brasileira do que italiana, eu tenho muito carinho por minhas origens italianas. Acho que o termo ítalo-brasileiro

define bem o que ostento como identidade. Por isso, acalanto o desejo de que a comunidade ítalo-descendente mineira mantenha viva a chama de sua identidade, orgulhando-se de suas origens italianas mas, que, ao mesmo tempo, não se esqueça de que também é brasileira e se orgulhe disso.

No caso de Andradas, há um forte sentimento de italianidade, que se manifesta em eventos como a Festa do Vinho e a Festa Italiana. Estas festas, apesar de estarem ligadas às famílias de descendentes de italianos, também atraem um público de não descendentes, inclusive de outras cidades das redondezas.

Na cidade, também há o *Circolo Italiano di Andradas*, que reúne a comunidade ítalo-descendente local. Atualmente essa instituição atualizou sua lista de sobrenomes italianos, que já conta mais de 460 identificados. No caso de Andradas, a importância da imigração italiana para a história do município é bastante reconhecida. Para outras partes de Minas esse reconhecimento varia de acordo com o município. Em Poços de Caldas, por exemplo, há uma comunidade ítalo-descendente bastante atuante.

Graças a estudos que já realizei, na condição de historiador e pesquisador, primeiro da Ponte entre Culturas e agora do Museu Virtual da Imigração Italiana em Minas Gerais (MUVIT MG), eu percebo que a imigração em Minas se concentrou mais na Zona da Mata e no Sul de Minas. Ela se fez presente em todas as zonas de fronteira com os Estados que possuem litoral e portos, como Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Hoje não ignoro a existência de deslocamentos internos, entradas de imigrantes em Minas que não foram contabilizadas pelos registros oficiais, o que certamente eleva o número de italianos que adentraram o Estado para além do que foi possível contabilizar por meio de registros oficiais: 77.483 italianos entre os anos de 1872 e 1930¹.

Apesar de haver uma maior concentração nas áreas mencionadas, a imigração italiana está pulverizada em diversas áreas do Estado, ao ponto de nos perguntarmos onde em Minas não houve a presença do imigrante italiano. Fato é que onde a imigração foi marcante, como é o caso de Andradas, ela teve um efeito transformador na economia e no espaço: predomínio de pequenas propriedades ao invés de latifúndios, proliferação de empresas familiares e uma melhor distribuição de renda.

Nutrimos o desejo de que a História da Imigração Italiana em Minas Gerais seja nacionalmente reconhecida e mantenha-se viva, por meio de estudos acadêmicos e

¹ CAMPOLI, Federico. **Camponeses de Engenho e Arte**: história e geografia dos imigrantes italianos em Minas Gerais. Belo Horizonte: Manuscritos, 2013 - p.42

genealógicos, de acervos documentais em arquivos, de memoriais, de museus e de documentários. É por esse motivo que acredito que o MUVIT MG tem o mérito ímpar de tomar para si a missão de coletar e preservar documentos oficiais e não oficiais, dando ênfase a dados e testemunhos que são familiares e que, portanto, não podem ser encontrados nos grandes arquivos, onde predomina a documentação governamental e oficial. Esses documentos familiares dão voz aos atores históricos do fenômeno da Grande Imigração Italiana para o Brasil: os próprios imigrantes. Dão voz, também, aos seus descendentes. Além disso, o MUVIT MG tem estimulado e financiado produções acadêmicas sobre o tema e é repositório de transcrições de documentação oficial ainda pouco estudada, como a da Superintendência de Imigração do Estado de Minas Gerais em Gênova, cujo acervo original está sob a guarda do Arquivo Público Mineiro.